

# ECONOMIA

## Salário de mulher cresceu mais

Desde 93, rendimento de trabalhadoras aumentou 43,3%, contra 19,4% dos homens

Larissa Morais e Ledice Araujo

O rendimento das trabalhadoras brasileiras cresceu quase o dobro da média nacional entre 1993 (último dado antes do início do Plano Real) e o ano passado. No período, o rendimento médio da população ocupada aumentou 24,3%, contra um percentual de 43,3% para as mulheres e de apenas 19,4% para os homens, revela a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os homens continuam ganhando mais, porém, a diferença caiu consideravelmente nos anos de estabilidade econômica. Enquanto em 93 as mulheres recebiam o equivalente a apenas 49,4% do ganho dos homens, no ano passado o percentual ficou em 60,7%. No período analisado, o salário dos trabalhadores do sexo masculino passou de R\$ 447 para R\$ 534; o das mulheres foi de R\$ 226 para R\$ 324.

— A pesquisa aponta tendência de redução da defasagem de rendimentos entre os sexos. Há grande pressão das mulheres neste sentido, que pode ser percebida com a análise dos indicadores de educação, que são bem mais favoráveis às mulheres que aos homens — analisa Vandell Guerra, consultora da Pnad.

### Taxa de escolaridade é maior entre as mulheres

• Segundo a Pnad, o percentual de mulheres com pelo menos o segundo grau concluído foi de 30,4%, no ano passado, contra uma taxa de 21,2% para os homens. As mulheres também levaram vantagem na taxa de analfabetismo (entre pessoas de 10 e 14 anos): 4% para as mulheres e 7% para os homens.

Marcelo Néri, economista da Fundação Getúlio Vargas, destaca que em décadas anteriores houve aumento da participação feminina no mercado de trabalho, mas sem ganhos no rendimento.

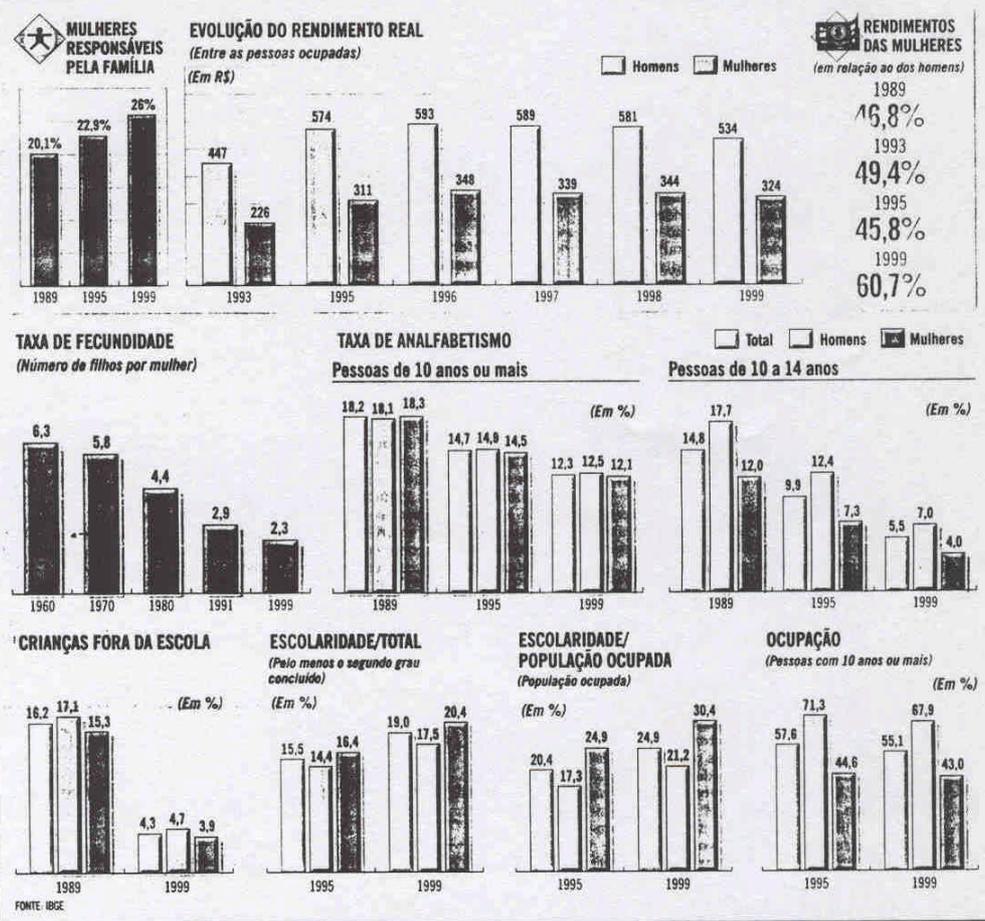
— Na última década, as diferenças politicamente incorretas foram postas em xeque. As distorções diminuíram — disse Néri.

A presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher do Rio (Cedim), Ligia Doutel de Andrade, confirma que as mulheres vêm ocupando espaços mais importantes e significativos no mercado de trabalho, inclusive em áreas de decisão e de chefia. Mas, para a dirigente, o fato de elas continuarem ganhando menos revela que, apesar dos avanços, permanece ainda a cultura discriminatória que responde por esta desvantagem salarial.

— As mulheres são segregadas ainda às profissões mais desvalorizadas. Elas permanecem na base da pirâmide. Para mudar este quadro temos que investir em políticas públicas, de capacitação de mulheres e de valorização das profissões.

A distribuição por sexos no mercado de trabalho continua desfavorável às mulheres, mas essa diferença vem sendo atenuada. Em

## Conheça os dados sobre as mulheres no país



93, de cada cem pessoas empregadas, 61,2 eram homens e 38,8, mulheres. Já em 99, 59,7 eram homens e 40,3, mulheres.

A pesquisa revela ainda um aumento do número de mulheres responsáveis por suas famílias. No último ano da década passada, 20,1% dos lares eram chefiados por mulheres, mas o número aumentou para 22,9% em 1995 e para 26% no ano passado.

É o caso da professora Nádia Kobylinski,

que sustenta sozinha seus dois filhos adolescentes. Para dar conta da tarefa, ela decidiu voltar a trabalhar para complementar sua aposentadoria.

— Tive que ir à luta para manter meus filhos estudando. E agora sou eu que os estimulo a correrem atrás, sobretudo a menina, para que não ficar só dependendo de trabalhos domésticos. A mulher tem evoluído, mas espero que não demore muito para que ganhe

igual ao homem — conta Nádia.

Os números do indicador rendimento são ligeiramente diferentes dos analisados pelo GLOBO na semana passada porque, nos resultados anteriores, foram considerados apenas os brasileiros com rendimento de trabalho e, nos divulgados agora — que consideram falxas por gênero — o cálculo foi feito considerando-se também os sem rendimentos. ■